BRITES, Jurema; MOTTA, Flávia de Mattos. (Orgs). 2017. *Etnografia, o espírito da Antropologia. Tecendo linhagens. Homenagem a Claudia Fonseca.* Santa Cruz do Sul: EDUNISC/Brasília: ABA Publicações. 427 pp.

Ana Paula Comin de Carvalho
UFRB
apccarvalho36@yahoo.com.br

O livro *Etnografia, o espirito da Antropologia* é resultado de dois momentos distintos. O primeiro, em 2009, quando as organizadoras tentaram reunir, numa coletânea, etnografias sobre grupos populares urbanos que foram orientadas por Claudia Fonseca, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O segundo, em 2015, durante as comemorações de 35 anos do PPGAS/UFRGS, quando a docente foi homenageada por ex-orientandas (os), orientandas (os) e colegas, ensejando a escolha ou produção de novos textos. Por isso, ele se configura num mix de artigos - oriundos de dissertações e teses - e tributos em vida que revelam a importância da contribuição de Claudia – etnógrafa, orientadora e professora – para a antropologia brasileira.

A obra está dividida em duas partes. Na primeira, temos um prefácio de Ruben Oliven, colega de Claudia Fonseca desde sua chegada no departamento de Ciências Sociais e na área de Antropologia da universidade. Ele, assim como as(os) demais autoras(es) que contribuem com o livro, enfatiza a crença de Claudia de que etnografia não se aprende ouvindo, mas sim, fazendo. Nesse sentido, ela estabeleceu a tradição de levar suas/seus alunas (os) para fazer trabalho de campo, e é seguida por eles na atualidade enquanto professores em universidades em diferentes regiões do país. Outro aspecto salientado por Oliven, mas que também é mencionado em outros artigos, é a capacidade da colega de desenvolver trabalho em equipe e de liderar grupos, qualidades evidenciadas na criação em 1995, do Núcleo de Antropologia e Cidadania (NACI), que congrega pesquisadores, professores e alunos em torno de investigações e na assessoria para agências ligadas a minorias e direitos humanos. Esta primeira parte do livro também traz uma introdução das organizadoras e doze textos que abordam temas ligados ao estudo dos grupos populares urbanos (gênero, família, conjugalidades, vizinhança, cotidiano, dentre outros), que

seriam marcados por um certo estilo de fazer etnográfico caracterizado pela fé no trabalho de campo, a prática da escrita do diário, a disponibilidade para encontrar o não compreendido e a capacidade de colocar os pressupostos em questão. Dada a extensão e densidade dos artigos, assim como os pontos de conexão entre eles, os comentários dessa resenha não seguiram uma ordem linear, mas tentaram destacar os elementos mais relevantes e recorrentes.

Tanto o texto de Carmen Rial – sobre as concepções estéticas de três gerações de moradores da Lagoa da Conceição, em Florianópolis, Santa Catarina - quanto o de Jurema Brites – sobre a relação entre patroas e empregadas em Vitória, no Espírito Santo - nos mostram a forma específica, singular, com que os grupos populares interagem, incorporam e ressignificam práticas, valores e objetos de outras classes sociais tidos como símbolos de modernidade, status, prestígio e poder. O impacto da inserção de bens de consumo - antes restritos às classes altas - no cotidiano desses grupos também é abordado por Lucia Mury Scalco em sua etnografia sobre inclusão digital no Morro da Cruz, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

As possibilidades e limites de manutenção da dinâmica da reciprocidade em contextos urbanos e mercantis é objeto de reflexão nos trabalhos de Miriam Chagas sobre um programa de rádio voltado para grupos populares, na capital gaúcha, e de Soraya Fleischer sobre o trabalho de parteiras na região do Melgaço, no Pará. Em ambos, vemos como os termos da reciprocidade entre os sujeitos são adaptados a novos contextos de interação – a Rádio Farroupilha ou a sede urbana de Melgaço - sob a premência do vínculo social, ao mesmo tempo em que eles buscam suprir as suas necessidades de sobrevivência.

É através da jocosidade que se evidenciam concepções diferentes de uma cultura de elite sobre corpo e gênero, marcadas por um *ethos* de classe, como vemos no artigo de Flávia Motta sobre como mulheres idosas de grupos populares de Porto Alegre constroem a sua identidade feminina. Por meio da afronta e do deboche nos bastidores de suas performances públicas, as empregadas domésticas capixabas estudadas por Jurema Brites lidam com a desigualdade e subalternidade. Patrice Schuch nos mostra como, nas práticas de administração jurídica da infância e juventude na capital gaúcha, a sátira, o riso, mas também a ira são formas de contestação à imposição de modelos e valores das classes abastadas. Nesses diferentes contextos etnográficos, percebemos que os sujeitos não são passivos frente às situações, instituições e hierarquias sociais. Agenciando suas práticas para fins diversos, desenvolvem estratégias para tentar obter o melhor resultado possível em situações extre-

mamente desfavoráveis.

O interesse por temas e personagens tradicionalmente invisibilizados nas pesquisas com grupos populares é outra forte característica dos artigos, e que o trabalho de Heloisa Paim exemplifica muito bem. Ela vai trazer à baila a aceitação e integração das amantes nas redes familiares e de vizinhança num bairro popular de Porto Alegre. A partir do seu trabalho de campo e análise, percebemos que amantes, esposas e maridos infiéis têm performances socialmente aceitas e esperadas, que orientam as suas ações e percepções. A ênfase nas práticas nos mostra como valores e padrões são atualizados na vida cotidiana. Os sentidos de gênero e sexualidade também são explorados por Elisiane Pasini, ao comparar as etnografias que desenvolveu em contextos populares e de prostituição de três capitais. Pedro Nascimento, por sua vez, aborda o modo como gênero e configurações familiares se expressam no contexto de casais de grupos populares que desejam ter filhos e encontram dificuldade para tal. Como as (os) autoras(es) nos mostram, as dinâmicas de gênero nesses contextos não se tratam de algo que diz respeito apenas ao homem e à mulher, mas a mães, pais, irmãos e outros parentes.

Outro elemento em destaque nos trabalhos são as formas específicas com que esses sujeitos vivenciam a política, atribuindo-lhe múltiplos sentidos e permitindo uma relativização e alargamento do conceito de cidadania, seja na promoção dos direitos das mulheres enquanto "mulheristas", mais pragmáticas, em oposição às feministas, mais teóricas - como o texto de Aline Bonetti sobre as promotoras legais populares formadas num projeto da ONG Feminista Themis em Porto Alegre vai evidenciar. Ou ainda com o artigo de Martina Ahlert sobre lideranças locais que implementam o programa Fome Zero num loteamento da capital gaúcha, e que veem esse campo como um lócus de sociabilidade, auxílio material, mas também perigo, visto que aqueles que desempenham papel de mediadores entre os grupos populares e Estado são constantemente cobrados e julgados pelas suas ações ou pela recusa em fazer as ações necessárias.

Na segunda parte do livro, temos textos escritos em homenagem a Claudia Fonseca por um grupo de pesquisadores que aprendeu a compartilhar trabalhos e críticas nas reuniões periódicas do NACI. São testemunhos ricos e vívidos das relações de formação de Claudia, suas/seus estudantes, colegas e parceiras (os) de pesquisa que se apresentam a partir dos bastidores das investigações. Nos relatos de Denise Jardim, Miriam Grossi, Patrice Schuch, Jurema Brites, Vitor Richter, Carmen Rial e Claudia Turra – Magni podemos perceber o quanto a convivência

com ela inspirou e agregou suas trajetórias acadêmicas e pessoais. Nesse segmento, também somos brindados com as duas pontas do fio a partir do qual se tecem as tramas da vida acadêmica da homenageada. A primeira é uma entrevista narrativa, comentada por Claudia, de sua orientadora de doutorado Colllete Pétonnet, uma das precursoras da antropologia urbana na França. A segunda é um artigo recente de Claudia que, apesar de aposentada desde 2007, segue ativa desenvolvendo pesquisas e refletindo sobre etnografia e trabalho de campo a partir de uma análise que combina suas experiências atuais de estudo com ex-internos de uma colônia de Hanseníase em São Luís, no Maranhão, com o debate teórico contemporâneo. Ela nos traz elementos importantes para pensar o trabalho árduo de posicionamento do etnógrafo, que deve ser simultaneamente provocador e cuidadoso, e o caráter colaborativo da etnografia que envolve interlocutores de campo, colegas, dentre outros.

De um modo geral, a obra em questão dá uma ideia do alcance do trabalho da homenageada no que se refere a grupos populares, gênero e direito, mas não contempla seu interesse em discutir o lugar da ciência na sociedade contemporânea e que resultou em várias orientações de dissertação de mestrado e tese de doutorado nos últimos anos.

Como guisa de conclusão, ouso tomar de empréstimo a oposição que Fredrik Barth (2000) faz entre as figuras do guru e o iniciador, a partir de suas investigações no norte de Bali e na Nova Guiné. Gurus e iniciadores são encarados como pertencentes a duas modalidades de gerência do conhecimento na interação social. Enquanto o primeiro alcança a sua realização ao reproduzir conhecimento, ensinar e instruir o público e formar um grupo de discípulos, sucessores em potencial numa relação pessoal e duradoura; o segundo o faz protegendo-o, ocultando e compartilhando-o com o menor número de pessoas possível, os iniciados que são afetados pelos ritos em si e não pelos conteúdos transmitidos. Transportando essas ideias para o campo do conhecimento antropológico e suas formas de transmissão de conhecimento, não há dúvidas sobre qual figura melhor representa a atuação de Claudia Fonseca ao longo de sua trajetória acadêmica. A leitura do livro aqui resenhado é uma oportunidade ímpar para que alunos e pesquisadores de antropologia conheçam melhor a "guru" e suas/seus "discípulas" e "discípulos" e de aprender com eles.

Recebido: 17/08/2018
Aprovado: 22/08/2018

Referência bibliográfica

BARTH, Fredrik. 2000. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas.* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.